



PM sai da USP na segunda, diz reitoria

Decisão foi tomada após funcionários grevistas decidirem suspender piquetes, pelo menos em dias de negociação

Saída dos policiais militares, no entanto, pode não ser definitiva, mas dependerá do andamento das negociações, que começam na segunda

TALITA BEDINELLI
DA REPORTAGEM LOCAL

A reitoria da USP afirmou ontem que a Polícia Militar deixará, na segunda-feira, a Cidade Universitária (zona oeste de SP). A decisão foi tomada depois que funcionários, em greve desde 5 de maio, decidiram suspender os piquetes —que tinham como objetivo fechar as portas de oito prédios da USP, incluindo o da reitoria.

A saída dos policiais, no entanto, pode não ser definitiva, já que os manifestantes dizem que os piquetes só serão suspensos em dias de negociação.

“Se a negociação for segunda e quarta, por exemplo, na terça faremos o piquete”, disse Magno de Carvalho, diretor de base do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP).

Os piquetes eram o último impasse para a retomada das negociações entre grevistas de USP, Unesp e Unicamp e as reitorias das três universidades.

Por causa dos bloqueios aos prédios, a PM ocupa a USP desde o começo do mês para cumprir um mandado de reintegração de posse pedido pela reitora Suely Vilela. Em resposta à entrada da PM, parte dos professores e estudantes da USP decidiram aderir à greve em 5 de junho. Eles pedem ainda que a reitora deixe o cargo.

As negociações haviam chegado a um impasse: os grevistas afirmavam que não as retomariam enquanto a PM estivesse no campus; a reitora dizia que os policiais só sairiam quando os piquetes terminassem.

No dia 9, após um ato na USP, PMs entraram em confronto com alunos e servidores, deixando dez feridos.

Reivindicações

Entre as reivindicações dos grevistas, estão reajuste salarial maior e a readmissão do sindicalista Claudionor Brandão.

Ontem à tarde, o Cruesp (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas) enviou um fax para o Fórum das Seis —entidade que representa alunos, funcionários e professores das três universidades— confirmando a negociação para segunda, às 14h.

O diretor do sindicato voltou ontem a defender os piquetes, dizendo que eles são necessários para evitar que os trabalhadores em greve sejam obrigados pelos chefes a retornar ao serviço. “Eles ligam ameaçando, dizendo que o prédio está aberto e que, se os trabalhadores não voltarem, podem sofrer consequências”, afirmou.

A assessoria de imprensa da reitoria afirmou que não há como verificar a veracidade das informações, porque não há nenhuma reclamação de trabalhadores em greve contra os supostos assédios dos patrões.

Com a presença da PM no campus —pela primeira vez no dia 1º de junho e permanentemente a partir do dia 3—, os manifestantes iam até as portas dos prédios diariamente, mas não conseguiam bloqueá-las.

O Sintusp afirmava, no entanto, que, no momento em que os policiais saíssem, as portas seriam bloqueadas de novo.

Para segunda-feira, dia da negociação, os grevistas da USP marcaram um novo ato em frente à reitoria. A manifestação deve contar também com a presença de grevistas da Unesp e da Unicamp.



Empurra-empurra entre estudantes contrários à greve e grevistas da USP, no início da tarde de ontem; houve troca de chutes

Protesto de alunos antigrevistas gera confusão

DA REPORTAGEM LOCAL

Dois protestos de estudantes antigreve ontem na USP acabaram em confronto com grevistas. Em um deles, os dois grupos chegaram a trocar chutes, mas ninguém ficou ferido.

Pela manhã, um piquenique dos alunos contrários à paralisação na parte dos fundos da ECA (Escola de Comunicações e Artes) reuniu cerca de 80 estudantes de diversos cursos, como engenharia, economia, relações públicas e história.

No local, onde também fica a

sede do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP), ocorria no momento uma assembleia de funcionários da USP.

Dois estudantes do IAG (Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas) entraram na assembleia e, quando foram descobertos, acabaram expulsos do local aos gritos, inclusive por alunos grevistas, que também estavam na assembleia. Os dois grupos de alunos discutiram e se empurraram, mas, no final, acabaram promovendo um debate pacífico sobre as pautas da greve.

Por volta das 19h, cerca de 300 estudantes contra a greve se reuniram na praça do Relógio, também dentro da universidade. Eles gritavam palavras de ordem como: “Fora, Brandão, queremos bandeirão”, pedindo também a volta do ônibus circular da USP. Alguns gritavam ainda: “Viva a PM”.

Alunos grevistas apareceram em seguida, e os dois grupos discutiram novamente. Houve xingamentos.

Um estudante de relações internacionais antigreve afirma que foi atingido por uma pedra.

A Força Tática da PM chegou ao local, mas só observou a discussão. Os não grevistas, então, decidiram deixar o local e foram seguidos pelos estudantes grevistas, que diziam para eles retornarem às aulas.

Houve correria, e os antigrevistas se refugiaram na FEA (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade), unidade que é tradicionalmente contrária à greve.

A discussão continuou na porta da faculdade, mas aos poucos os dois grupos foram se dispersando. (17B)